

## Santo António de Lisboa. O 29.º Doutor da Igreja

Henrique Pinto Rema \*

103

Na homenagem que a Cultura portuguesa pretende prestar ao Prof. Doutor Humberto Baquero Moreno na hora da sua jubilação universitária, parece ajustado recordar brevemente o primeiro vulto da intelectualidade portuguesa, Santo António de Lisboa (ca 1190-1231), o único Doutor da Igreja português e o homem que mais longe levou o nome da Pátria.

A 16 de Janeiro de 1996, exactamente no 50º aniversário da proclamação de Santo António como Doutor da Igreja Universal, o Papa João Paulo II enviou uma carta ao Presidente de turno da União dos Ministros Gerais Franciscanos a lembrar a efeméride, realçando o “mestre seguro da verdade revelada”, “o homem evangélico, revestido de sabedoria e de caridade”, o cultor da “*aurea paupertas*” como “reafirmação da primazia de Deus na vida do homem”, o incansável pregador da Palavra de Deus, o contemplativo das coisas celestes.

A soleníssima cerimónia da canonização de Santo António efectuou-se na catedral de Espoleto no dia 30 de Maio de 1232, dia do Pentecostes. No final, conforme lemos na legenda *Benignitas*<sup>1</sup>, Gregório IX entoou o *Te Deum* e a antífona dos Doutores *O doctor optime*. Desde a canonização até 1570, na festa do nosso Santo celebrava-se, em toda a Igreja que seguia o Missal da Cúria Romana e em algumas outras liturgias locais e Ordens Religiosas, a missa *In medio ecclesiae*, própria dos Doutores da Igreja. Curiosamente, o Missal bracarense de 1558 traz a missa *Os justis* dos Confessores. A partir da reforma litúrgica de São Pio V (o Breviário saiu em 1568 e o Missal em 1570), a missa *In medio* continuou a celebrar-se na Ordem Franciscana, na diocese de Pádua e nas dioceses de Portugal e do Brasil. Do que não resta qualquer espécie de dúvida é que Santo António teve sempre culto de Doutor nos livros litúrgicos franciscanos<sup>2</sup>.

Gregório IX era seu amigo pessoal e um dia, depois de o ouvir, chamou-lhe *Arca do Testamento*<sup>3</sup> e *Armário da Sagrada Escritura*. Seguiram na pegada de Gregório IX os papas Xisto IV (12 de Março de 1472) e Xisto V (14 de Janeiro de 1586); e, nos tempos modernos, também Leão XIII (12 de Julho de 1898) e Pio XI (1 de Março e 20 de Dezembro de 1931).

No Capítulo Geral do Pentecostes de 1856 exprimiu-se um voto para levar Santo António a Doutor da Igreja<sup>4</sup>, mas esbarrou-se com a falta de edição crítica credível dos escritos que nos legou. O Cónego paduano António Maria Locatelli, a 1 de Novembro de 1886, dirigia ao Papa Leão XIII uma carta a postular a declaração do nosso Santo como Doutor da Igreja. Em 1895, ele próprio iniciava a publicação duma edição crítica, que não conseguira terminar, por falecer em Dezembro de 1902, mas foi continuada e terminou em 1913. Os votos de levar o nosso santo lusitano a Doutor da Igreja multiplicaram-se durante o sétimo centenário da sua morte, em 1931. As cartas postulatórias de Cardeais, incluindo a de Eugénio Pacelli (futuro papa Pio XII),

\* OFM.

<sup>1</sup> *Benignitas* (Legenda antoniana), 20, 3.

<sup>2</sup> Cf. SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Urbis et orbis declarationis seu confirmationis cultus ac tituli doctoris [...] in honorem Sancti Antonii Patavini [...] Inquisitio circa assertum cultum liturgicum S. Antonio Patavino uti Doctori tributum*, Typis Polyglotis Vaticanis MCCCCXXXVI, pp. 3-6 (Fr. F. Antonelli, OFM) e 7-11 (P. Cuniberti Mohlberg, OSB).

<sup>3</sup> Cf. *Assidua*, X, 1-2.

<sup>4</sup> Sessão XXVIII, a 12 de Maio de 1856.

de Capítulos e Ministros Gerais, os nomes de inúmeros Bispos europeus (inclusive o Patriarca de Lisboa e seus Bispos Auxiliares, o Patriarca das Índias, todos os Bispos portugueses e seus Cabidos, alguns párocos e fiéis), de Bispos asiáticos (China, Índia, Japão e Síria), de Bispos africanos, americanos e da Oceânia, de Prelados e Abades, de Superiores de Ordens e Congregações Religiosas, de Universidades, Colégios, Seminários e de revistas católicas e de homens ilustres do clero e do laicado (Guido Gonella, por exemplo) preenchem nada menos de 123 páginas grandes de literatura e somam 2017 nomes.

Depois de auscultados tão insignes testemunhas, dois ilustríssimos e reverendíssimos teólogos censores (anónimos), escolhidos pela Sagrada Congregação dos Ritos, também foram chamados a depor acerca da declaração ou confirmação do culto e título de Doutor e sua extensão à Igreja Universal, com ofício e missa do comum dos Doutores em honra de S. António de Pádua.

O primeiro censor começa por recordar o elogio feito pelo Papa que o canonizou em 30 de Maio de 1232 e o ofício e missa dos Doutores que teve ao longo dos séculos. Interroga-se acerca da pureza e abundância dos seus escritos, “de modo a continuar a ensinar a Igreja e ser verdadeiramente saudado como Doutor” (p.2). Os Sermões da edição de A.M. Locatelli, embora não comparáveis aos enormes volumes de Santo Agostinho, São João Crisóstomo e São Tomás, em quantidade não são inferiores aos escritos de São Bernardo, de São Pedro Crisólogo, de São João da Cruz e de outros. A Teologia dogmática especulativa de Santo António é breve e sóbria; a sua Teologia moral, muito mais copiosa. O zelo da salvação das almas levava-o a explorar os aspectos dos bons costumes cristãos. Escrevera o que pregava do púlpito ao povo e o que ensinava na escola aos confrades, em ordem ao seu futuro ministério. O género literário usado: litúrgico e parenético, insinua muito mais doutrina (que habitualmente não discute) do que parece à primeira vista.

O primeiro anónimo censor entra, de seguida, na análise duns tantos temas que lhe parecem relevantes:

### **1. Importância, amor e uso da Sagrada Escritura; função e virtudes do pregador sacro.**

Não tem dúvida do acerto da definição de Gregório IX que chamou a António “Arca do Testamento”. Olhando para os índices bíblicos das edições do *Messaggero* de Pádua (de 1979) e da *Lello do Porto* (de 1987), verificamos que utiliza quase todos os livros do Antigo e do Novo Testamento, a maior parte dos seus capítulos e muitos parágrafos. A índole do sermão antoniano, que era de oferecer aos pregadores prontuário para homilias e catequeses, assim o exigia. Santo António está convencido de que ignora as letras quem não sabe a Escritura, dado que no Antigo e no Novo Testamento está a plenitude da ciência. O pregador precisa de ser, antes de tudo, filho da ciência: saber o que prega, a quem prega e de que modo prega; deve glorificar a Deus, proteger o próximo e pôr em fuga o diabo, libertando do seu domínio as almas cativas; lançar as redes em nome de Cristo, atribuindo o louvor unicamente a Deus; ser homem de oração e ter constantemente na memória a paixão de Cristo, a humildade, a caridade, a mansidão, a pobreza, a constância e o zelo das almas...

### **2. A SS.ma Trindade, o Verbo Encarnado, o Espírito Santo e a graça**

O candidato a Doutor da Igreja é seguro na exposição da Trindade, aliás na sequência de Santo Agostinho. Sobre Jesus Cristo segue de perto os Santos Padres. Os vários textos coligidos podem facilmente formar um tratado completo acerca do Verbo Encarnado, tendo como principais capítulos a Sua divindade, ciência infinita, Corpo místico, Mediador, paixão, mestre. Do Espírito Santo escreve coisas bonitas e sábias. Toda a doutrina da graça aparece nos sermões antonianos.

### 3. A Virgem Santíssima e o Primado de Pedro

Santo António manifesta extraordinária devoção a Maria, enquanto Mãe de Jesus, sempre Virgem, de Conceição Imaculada e Assunta ao céu em corpo e alma. Acerca da Imaculada Conceição, o anónimo primeiro censor alega o testemunho negativo de Melchior Cano<sup>5</sup>. Segundo este conhecido teólogo, Santo António teria afirmado que a Santíssima Virgem foi concebida em pecado original; o nosso censor contrapõe textos antonianos a favor do privilégio da Imaculada Conceição<sup>6</sup>. A sua doutrina acerca da Assunção de Maria ao céu em corpo e alma é mais explícita no sermão que especialmente lhe dedica<sup>7</sup>, ao ponto de a bula *Munificentissimus Deus*, de 1 de Novembro de 1950, que proclamou oficialmente o dogma, citar o testemunho de Santo António.

O citado censor, a respeito do Primado do Romano Pontífice, aduz só um texto<sup>8</sup>, que não o convence. Diomedes Scaramuzzi<sup>9</sup> é mais optimista, trazendo à compita muitos outros textos antonianos em defesa da sua tese: Jesus Cristo deu a São Pedro a jurisdição do Primado sobre todos os Apóstolos e sobre a Igreja inteira e ainda a infalibilidade.

### 4. Sacramentos, virtudes e vícios

O apóstolo franciscano fala constantemente do sacramento da Penitência. Reunindo-se-lhe todos os dados, consegue-se elaborar um tratado bastante completo. Ele é excepcionalmente rigoroso em toda esta matéria, concretamente na questão da revivescência dos pecados<sup>10</sup>. Dos outros sacramentos pouco fala, sim das virtudes cristãs e dos vícios dos pecadores. Em conclusão, o primeiro censor afirma que “Santo António não pode ser colocado entre os maiores Doutores da Igreja”. Mas também não tem lugar, por assim dizer, entre os Doutores de segunda ordem, se olharmos à amplitude dos seus escritos, à abundância de doutrina, da doutrina que respeita à virtude e aos bons costumes, e ainda à novidade e elegância da sua palavra, não obstante o gosto estilístico da época, as suas peregrinas etimologias, constantes citações e arbitrarias acomodações bíblicas. Além disso, trata-se de confirmação da honra de Doutor da Igreja, já concedida e praticada desde a sua canonização.

A apreciação do segundo teólogo levou um ano a ser concluída, como indica logo ao começar, pois teve de ler com a maior atenção toda a obra do candidato ao doutoramento. Limita-se a examinar brevemente o conteúdo teológico nos seus méritos e nos seus defeitos.

O anónimo censor verifica que “a obra de Santo António não é muito conhecida, nem muito usada pelos doutos: os verdadeiros e grandes teólogos raramente, para não dizer nunca, citam Santo António nas suas dissertações. Santo António, de facto, universalmente conhecido pela sua santidade, é quase ignorado na sua doutrina teológica. – Este estranho silêncio explica-se pelo carácter do homem e da doutrina. – S. António não é um mestre, um escolástico [...]. Ele é principalmente um orador, [...] se bem que a sua pregação se destinava não ao povo, mas a pessoas cultas, aos próprios pregadores da doutrina cristã. Para ser lido e escutado, o Santo adopta um estilo que responde menos às exigências científicas e mais ao gosto daqueles tempos”<sup>11</sup>. O acentuado alegorismo, as extravagantes etimologias, as metáforas peregrinas e uma erudição fantástica sobre fauna e flora são recursos oratórios da época, que temos de aceitar, ainda que

<sup>5</sup> *De locis theologicis*, 7, 1.

<sup>6</sup> Cf. *Natividade de Maria*, n. 4, Ed. Lello, I, p. 905 e nota 24; 3º domingo da Quaresma, I, p.208.

<sup>7</sup> *Assunção de Maria Virgem Santíssima*, Ed. Lello, I, 953-966.

<sup>8</sup> 3º Domingo da Quaresma, *Ibidem*, 174-175.

<sup>9</sup> Scaramuzzi, *La figura intellettuale di S. Antonio di Padova*, Roma, 1934, pp. 140-143..

<sup>10</sup> 22º Domingo depois do Pentecostes, II, pp. 339ss.

<sup>11</sup> SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Ibidem*, p. 124.

sejam pouco simpáticos ao espírito moderno. Este segundo censor não ignora a impressão que lhe provocou a erudição bíblica de António, mas “em grande parte desviada dos critérios exe-géticos predominantes naquele tempo, que já então considerava o sentido literal como o prin-cipal”. O nosso Santo orienta toda a sua doutrina e pregação para o vasto campo dos costumes, da vida moral. “Conhece bem os vícios predominantes do tempo: soberba, luxúria, avareza (as três feras dantescas!) e flagela-os impiedosamente quase em todas as páginas. [...] É por isso que fala centenas de vezes da Confissão e mal toca nos demais sacramentos”<sup>12</sup>.

A seguir, o anónimo censor interroga-se: “Qual o valor teológico da doutrina de Santo António?” Na resposta, remete para estudos de franciscanos do género do de Diomede Scaramuzzi, acima citado, que pretendem encontrar nos sermões antonianos um sistema com-pleto de ciência teológica. Partindo de certa definição de “teólogo”, o pregador António de Lisboa não cabe nela, por ser “um repetidor, um divulgador da doutrina teológica adquirida”. “O conteúdo dos seus discursos é prevalentemente homilético, exortativo e, portanto, morali-zante”. “Não discute quase nunca os assuntos, não se pronuncia, antes reclama sistemática-mente a doutrina conhecida”. “A nota teológica em Santo António é ocasional, acidental, não predominante. No meu modesto parecer, pode dizer-se que é um valente orador, bem nutrido de erudição bíblica e de cultura teológica, mas não me parece que apresente elementos e carac-teres suficientes para poder considerá-lo um teólogo no sentido técnico da palavra”<sup>13</sup>.

Na sequência do raciocínio, este segundo censor estranha algumas afirmações teológicas de Santo António, como a de comparar o intelecto ao Pai, a vontade ao Filho e a memória ao Espírito Santo<sup>14</sup>. Logo no começo do sermão do 20º domingo depois do Pentecostes<sup>15</sup>, o cen-sor lamenta a confusão de Santo António notar na humanidade de Cristo três substâncias e uma só pessoa, depois de ter escrito que na divindade há três pessoas e uma só substância. “As subs-tâncias (corpo, alma e Divindade) existem em Cristo, Verbo encarnado, não na humanidade de Cristo”<sup>16</sup>. Admira em Santo António os conhecimentos demonstrados acerca da graça divina, mas acha inexactas alguma afirmações sobre o tema. A revivescência do pecado em caso de recaída era doutrina um pouco fluida no seu espírito. Por outro lado, identifica o “pecado ori-ginal com a concupiscência, opinião insustentável, mas defendida por alguns, antes dos agu-dos esclarecimentos dados por São Tomás”<sup>17</sup>.

O segundo censor aprecia a doutrina mariológica de Santo António, a começar pelos ace-nos à Imaculada Conceição. “Pode-se dizer que a Mariologia é a parte mais simpática, mais inte-ressante e mais perfeita da doutrina teológica de Santo António”<sup>18</sup>.

Na conclusão, este segundo censor adverte que a cultura teológica de Santo António, no geral, é larga e sã, mas não apresenta as características científicas que fazem o verdadeiro teólogo. Isso, porém, não impede que seja proclamado Doutor da Igreja, até porque há a história da liturgia a seu favor.

Com estes dois pareceres na mão, Mons. Salvador Natucci, na qualidade de Promotor Geral da Fé, envia a 12 de Março de 1936 uma Declaração ao Santo Padre, onde começa por recordar os três requisitos, enunciados pelo Papa Bento XIV, para alguém poder ser declarado Doutor da Igreja: doutrina eminente, insigne santidade de vida e declaração da Igreja. Da san-tidade de vida de Santo António ninguém duvida; as reservas levantadas pelos dois teólogos censores à obra de Santo António não são de molde a impedir a formal declaração da Igreja,

<sup>12</sup> *Ibidem*, pp. 125-126.

<sup>13</sup> *Idem. Ibidem*, pp. 127 e 128.

<sup>14</sup> Cf. 6º Domingo depois da Páscoa, I, p. 470; 23º Domingo depois do Pentecostes, II, p. 369.

<sup>15</sup> Ed. Lello, II, p. 248.

<sup>16</sup> SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Ibidem*, p. 129.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p.132.

aliás como eles próprios opinaram no final das suas apreciações; acresce o argumento litúrgico. Por isso, Natucci é de opinião que se lhe confirme o culto e o título de Doutor e se estenda a toda a Igreja.

O processo não chegou a ultimar-se no Pontificado de Pio XI, falecido no dia 10 de Fevereiro de 1939. No dia 1 de Setembro imediato iniciava-se a Segunda Grande Guerra Mundial, que só iria terminar na Europa em Maio de 1945. A 12 de Junho do mesmo ano, Pio XII reúne os Cardeais ligados à Sagrada Congregação dos Ritos. No acto, apresentou circunstanciado relatório o Cardeal Rafael Carlos Rossi, Secretário da Sagrada Congregação Consistorial, e fundamentado parecer o Promotor Geral da Fé, Mons. Salvatore Natucci. Os Cardeais presentes acabaram por dar o seu assentimento. Finalmente, a 16 de Janeiro de 1946, mediante a bula *Exulta, Lusitania felix, o felix Padua, gaude*<sup>19</sup>, o Papa Pio XII, “por espontânea e boa vontade, secundando o desejo de todos os franciscanos e de quantos sufragaram a iniciativa com os seus votos”, “com a plenitude do poder apostólico” “constitui e declara o confessor Santo António de Pádua Doutor da Igreja Universal” com o título de Doutor Evangélico.

Com esta solene proclamação pontifícia, Santo António entra para o raro elenco dos Doutores da Igreja Universal, ou seja, em 29º lugar. Os primeiros oito, quatro do Oriente e quatro do Ocidente, são-no por tradição, ainda que o Papa Bonifácio VIII, em 1298, declara Doutores da Igreja quatro santos do Ocidente, ao par dos quatro santos do Oriente já aceites. Eis o seu elenco completo:

Doutores do Oriente: 1/ São Basílio de Cesareia – 2/ São Gregório de Nazianzo – 3/ São João Crisóstomo – 4/ São Atanásio.

Doutores do Ocidente: 5/ São Gregório Magno – 6/ Santo Ambrósio – 7/ Santo Agostinho – 8/ São Jerónimo.

Os Doutores da Igreja seguintes são proclamados pelo Papa, depois de longo processo individual e de alguns séculos após a sua morte:

9/ São Tomás de Aquino (1567) – 10/ São Boaventura (1588) – 11/ Santo Anselmo (1720) – 12/ Santo Isidoro de Sevilha (1722) – e 13/ São Pedro Crisólogo (1729) – 14/ São Leão Magno (1754) – 15/ São Pedro Damiano (1828) – 16/ São Bernardo (1830) – 17/ Santo Hilário (1851) – 18/ Santo Afonso Maria de Ligório (1871) – 19/ Francisco de Sales (1877) – 20/ São Cirilo de Alexandria (1893) – 21/ São Cirilo de Jerusalém (1893) – 22/ São João Damasceno (1893) – 23/ São Beda Venerável (1899) – 24/ Santo Efrém (1920) – 25/ São Pedro Canísio (1925) – 26/ São João da Cruz (1926) – 27/ São Roberto Belarmino (1931) – 28/ Santo Alberto Magno (1931) e 29/ Santo António de Lisboa.

Depois de Santo António, foram declaradas Doutores da Igreja Universal: 30/ São Lourenço de Brindes (1959) – 31/ Santa Teresa de Jesus (1970), Santa Catarina de Sena (1970) e Santa Teresa do Menino Jesus (1997).

Cronologicamente, Santo António é o primeiro Doutor da Igreja da Ordem Franciscana, embora reconhecido como tal em toda a Igreja já em nossos dias. Importa agora relevar o que ele representa para a Ordem Franciscana como seu primeiro Mestre e fundador, de alguma forma, da chamada Escola Franciscana<sup>20</sup>.

O objectivo da inteligência humana é conhecer a origem do bem: DEUS, e anelar por esse bem e nele repousar; é conhecer a origem e o princípio do mal, e evitá-lo, fugir dele, como ensinava São Boaventura. Idêntico objectivo foi o de Francisco ao confiar o ensino da Teologia ao nosso compatriota António de Lisboa, para quem todo o saber humano é servo da Teologia. António fixava de preferência a sua mente em Cristo e na Santíssima Virgem.

<sup>19</sup> Em *Acta Apostolicae Sedis*, 38 (1946) 200-204.

<sup>20</sup> Cf. Alfonso Pompei, I “*Sermones di S. Antonio e la Teologia Franciscana*, in *Actas do Congresso Antoniano de Pádua*, de Outubro de 1981, pp. 757-786.

Para abreviar o discurso, permitam-me a cópia de dois parágrafos da obra prima do nosso padre Agostinho Gemelli, OFM, *Il Francescanesimo*<sup>21</sup>: Santo António “tem um pensamento teológico decisivo e algumas vezes precursor, uma eloquência ousada e rica, uma fantasia de artista, uma viva e quase moderna concepção do valor da cultura. Toma do Evangelho e dos Padres a devoção ao Sagrado Coração e a transmite a São Boaventura; a devoção ao nome de Jesus no sol radiante e a transmite a São Bernardino de Sena; a devoção ao sangue de Cristo e a transmite a São Tiago da Marca; a devoção a Cristo Rei da criação e da redenção e a transmite a Escoto”.

O P. Beda M. Hess, Ministro Geral dos Frades Menores Conventuais, envia, a 7 de Abril de 1946, a todos os seus religiosos a faustosa notícia da proclamação de Santo António como Doutor da Igreja<sup>22</sup>. Aproveita a circunstância para fazer um pouco de história e justifica o acontecimento à luz da teologia. Sobre este assunto, como que faz uma paráfrase ao citado texto de Gemelli, indo buscar aos sermões antonianos as palavras que o qualificam como devoto do Santíssimo Nome de Jesus e assertor da Realeza de Cristo. Põe em relevo a humanidade de Cristo na Encarnação e na Paixão; considera-o precursor da devoção ao Sacratíssimo Coração de Jesus, devoto das Chagas do Senhor e de Maria Santíssima. Para Maria Santíssima Santo António arranja qualificativos e comparações sem número. Beda Hess acha que ele intuiu o privilégio da Imaculada Conceição e defendeu bastante claramente o mistério da Sua Assunção.

A teologia de Santo António representa uma tentativa de dar vida a um saber franciscano. A sua cultura de santo ajudou Francisco a superar um certo instinto de temor do estudo<sup>23</sup>. Esta atitude marca um passo em frente na evolução da Ordem. Francisco, mediante a transparente santidade e a inegável sabedoria do confrade lusitano, chega à convicção de que o ensino da teologia se destina ao serviço apostólico.

Santo António entrou para os franciscanos com uma cultura. Viveu-a e transmitiu-a com alma franciscana. Foi ela a primeira semente das autênticas teologias franciscanas do futuro.

Com este apontamento sobre o estado da cultura portuguesa no princípio da nacionalidade, em plena época medieval, representada no Doutor Evangélico, quisemos também responder ao repto lançado pelo Papa João Paulo II, na citada carta de 16 de Janeiro de 1996: “A reflexão académica, acompanhada pelas programadas manifestações culturais, saberá indagar a sua rica doutrina e os elementos da sua actualidade, de maneira que os discípulos do Pobezinho de Assis, coirmãos do Doutor Evangélico, possam continuar com intensificado vigor a obra da nova evangelização no mundo contemporâneo, em sintonia com a Igreja”.

<sup>21</sup> Gemelli, *Il Francescanesimo*, 2ª ed., 1933, p. 69.

<sup>22</sup> In *S. Antonio di Padova - Dottore Evangelico*, Padova, 1946, pp. 27-32.

<sup>23</sup> Cf. A. Pompei, *Op. cit.*, p. 781.